



SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DO BAIXO TOCANTINS
PLANO NACIONAL DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES DA EDUCAÇÃO BÁSICA
– PARFOR
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM LETRAS

IZABEL MARGALHO LOUZEIRO

**O ENSINO DA LEITURA LITERÁRIA POR MEIO DOS CONTOS AMAZÔNICOS:
Um estudo de caso**

Abaetetuba-Pa
2019

IZABEL MARGALHO LOUZEIRO

**O ENSINO DA LEITURA LITERÁRIA POR MEIO DOS CONTOS AMAZÔNICOS:
Um estudo de caso**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Letras (PARFOR), da Universidade Federal do Pará, como requisito parcial para a obtenção do Grau de Licenciatura em Letras.

Orientador: Prof.^a Dra. Marília Fernanda Pereira de Freitas

Abaetetuba-Pa
2019

IZABEL MARGALHO LOUZEIRO

**O ENSINO DA LEITURA LITERÁRIA POR MEIO DOS CONTOS AMAZÔNICOS:
Um estudo de caso**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Faculdade de Ciências da Linguagem (FACL), da Universidade Federal do Pará como requisito para a obtenção do Grau de Licenciatura em Letras, sendo analisado e aprovado pela Banca Examinadora formada pelos professores.

Avaliado em de de 2019.

Conceito:

Orientadora:
Prof.º Dra. Marília Fernanda Pereira de Freitas

Membro/Examinador:
Prof.

À minha família.

AGRADECIMENTOS

É indispensável para a escrita deste texto a realização de um agradecimento em primeiro lugar a Deus, pois todas as vezes que me encontrei aflita com vontade de desistir pelas lutas de vida e ao imaginar que não seria capaz, de enfrentar os desafios que me eram propostos, lembrava do salmo 121, v 1º “elevo os meus olhos para os montes, de onde me virá o socorro. O meu socorro vem do senhor que fez os céus e a terra”. E este socorro vinha em minha direção dando ânimo e coragem me guiando para não perder de vista o ponto central: a vitória. Meu amado Deus, sou eternamente agradecida ao senhor pelas oportunidades a mim concedidas, as quais me possibilitaram trilhar caminhos de conquistas.

Jamais poderei esquecer de agradecer ao PARFOR, sendo que este não é um programa qualquer, é uma inovação que merece ser aplaudido e continuado, foi através deste maravilhoso PARFOR que cheguei a realizar um grande sonho de ingressar na universidade Federal do Pará e todos os conhecimentos que adquiri com certeza irão fazer a diferença na minha vida.

Quero agradecer ao meu esposo, pela compreensão, pelas orações, pelo apoio com palavras e financeiramente. Ao meu filho mais velho, Yan Margalho Louzeiro, que durante este período tomou conta da casa, dos problemas e dos seus dois irmãos. Ao Júnior e Sarah, por suportarem a minha ausência todos os dias.

Aos meus pais que sempre estiveram orando por mim. Ao meu irmão que sempre me incentivaram com palavras e orações. Aos meus vizinhos que olharam a minha casa quando estava ausente.

Aos irmãos de igreja pelas orações e compreensão da minha ausência.

Ao Arodinaldo, meu moto táxi, que tinha toda paciência de esperar sempre com um sorriso no rosto.

A dona Santana, que sempre dizia: tenho orgulho de você, continue filha.

Os que confiam no Senhor serão como o monte Sião, que não se abala, mas permanece para sempre.

Salmo 125, 1

RESUMO

Este trabalho tem como objetivo apresentar a aplicação do conto Acauã de Inglês de Sousa, como ferramenta no processo da prática da leitura dos alunos do 7º ano do ensino fundamental. Para isso foi escolhida uma escola localizada na área urbana do município de Abaetetuba, a qual trabalha com ensino fundamental. O trabalho foi desenvolvido por meio de pesquisas bibliográficas, tendo como embasamento alguns autores da área e um plano de intervenção realizado na turma. A utilização do conto de Inglês de Sousa permite que o aluno compreenda e interprete de forma autônoma os textos lidos, dentro do cenário amazônico e leva o professor a perceber a relevância de desenvolver leitores independentes, críticos e reflexivos. Portanto, são oferecidos aos professores meios concretos de realizarem atividades coerentes que favoreçam a inserção do aluno no âmbito da leitura e escrita via utilização do conto dentro do contexto amazônico.

Palavras-chave: Leitura. Literatura. Conto.

ABSTRACT

This paper aims to present the application of the Sousa Acauã de Inglês, as a tool in the process of reading the students of the 6th year of elementary school. For this, a school was chosen located in the urban area of the municipality of Abaetetuba, which works with elementary school. The work was developed through bibliographical research, based on some authors of the area and an intervention plan carried out in the class. The use of Sousa's English story allows the student to understand and interpret the texts read independently within the Amazonian scenario and leads the teacher to realize the relevance of developing independent, critical and reflexive readers. Therefore, teachers are offered concrete means to carry out coherent activities that favor the insertion of the student in the scope of reading and writing through the use of the story within the Amazon context.

Keywords: Reading. Literature. Tale.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	10
1.1 O QUE É LEITURA?	12
1.1 A IMPORTÂNCIA DA LEITURA SEGUNDO FREIRE	13
1.2 O ENSINO DA PRÁTICA DA LEITURA	15
2. A LITERATURA AMAZÔNICA ENTRE LENDAS E MITOS	18
2.1 A IMPORTÂNCIA DA LITERATURA	18
2.2 LENDAS E MITOS COMO ELEMENTOS IDENTIDÁRIOS DE UM POVO	23
2.2.1 As lendas.....	23
2.2.2 Os mitos	25
2.3 LENDAS E MITOS AMAZÔNICOS SOB O OLHAR DO MARAVILHOSO	26
2.4 O TRANSMISSOR DAS LENDAS E DOS MITOS NA AMAZÔNIA.....	28
2.5 A INSERÇÃO DA LENDA E DO MITO NA ESCOLA	31
2.5.1 A identidade da oralidade das lendas e mitos	34
2.5.2 Construindo o material didático a partir da realidade do aluno.....	36
3. A PROPOSTA DO PLANO DE DOCÊNCIA A PARTIR DO CONTO “ACAUÃ”	38
3.1 CARACTERIZAÇÃO DA ESCOLA ONDE OCORREU A INTERVENÇÃO	38
3.2 O CONTO EM SALA DE AULA: PERSPECTIVAS	38
3.3 A EXPERIÊNCIA DO CONTO “ACAUÃ” VIVENCIADO EM SALA DE AULA	40
3.3.1 Inglês de Sousa.....	40
3.3.2 Relato da Atividade Realizada	40
3.4 RESULTADO FINAL DAS DISCUSSÕES DO PLANO DE DOCÊNCIA	41
CONSIDERAÇÕES FINAIS	43
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	44

INTRODUÇÃO

A leitura é fundamental na vida das pessoas, pois ela amplia a visão de mundo e o indivíduo consegue interpretar as diversas mensagens existentes nele. No desenvolvimento da pessoa humana, a leitura tem um papel imprescindível, embora não seja muito valorizada por alguns profissionais da educação e por isso deixa de ser utilizada no processo de ensino e aprendizado.

Por meio da leitura é possível desenvolver plenamente a pessoa humana. Por meio da prática da leitura é realizado o pleno desenvolvimento cognitivo, favorecendo uma ampliação das capacidades psicológicas, da criatividade, do raciocínio, imaginação e compressão e interpretação de textos, de mundo e de vida.

Desse modo, as situações mais simples ou as mais complexas são analisadas com um conhecimento diferenciado, o qual antes de ser exposto passou por um processo de compreensão e interpretação. A atuação dos docentes, os profissionais da educação são imprescindíveis para que o interesse dos alunos em ler ocorra, pois através de suas estratégias e práticas pedagógicas devem atrair os alunos para que eles percebessem a relevância da leitura obtenham mais conhecimento, para propiciar-lhes mais aprendizados, ampliando, assim, a visão de mundo delas.

Nesse sentido, a leitura deve sempre ter por objetivo a contribuição para a formação de um indivíduo crítico da realidade, ser fonte de informação, via de ligação de acesso a conhecimentos de várias formas, propiciando, com isso, uma melhora nas relações sociais e uma apropriação ao hábito da leitura, considerando-a um prazer em sua vida, sendo este um dos principais estímulos ao processo de formação de leitores.

A utilização de contos amazônicos como estratégia de leitura permite o acesso dos alunos no sentido primordial da leitura que é compreender e interpretar de forma autônoma os textos lidos. Desse modo, para que o aluno desenvolva o protagonismo educacional, deve fazê-lo a uma atividade de leitura significativa, que perpassa em apresentar situações que alcance as necessidades do aluno.

Desse modo, o objetivo geral do trabalho é utilizar a leitura literária, por meio do conto “Acauã” de Inglês de Sousa, no 7º ano do ensino fundamental como instrumento à prática de leitura. Além de apresentar a relevância da leitura literária para a formação de leitores no ensino fundamental, assim como contextualizar os contos amazônicos em sala de aula.

A relevância do trabalho está no fato de que ao abordar os contos amazônicos no ensino fundamental, ganha-se um instrumento de ensino e aprendizagem que ainda precisa ser mais explorado, sob diversas maneiras no contexto escolar, não ficando somente como uma (passa) tempo que a criança utiliza para se distrair.

Assim, foi adotada a metodologia de característica qualitativa, que através de pesquisas bibliográficas, consultas a trabalhos acadêmicos relacionados com o tema e pesquisa de campo serviram de referência para o desenvolvimento do estudo. A pesquisa descritiva tem por premissa buscar a resolução de problemas, visando melhorar as práticas por meio da observação, análise e descrições objetivas. A pesquisa descritiva foi realizada na escola de ensino fundamental, médio e pré-vestibular Vestibulando, Abaetetuba-Pa.

A partir disso, o trabalho foi estruturado em três capítulos. No primeiro capítulo, é apresentado uma abordagem sobre a leitura e sua finalidade, isso se deu por meio de revisão bibliográfica. No segundo capítulo é destacado o conto popular e seu contexto no cenário amazônico, especialmente nas obras de Inglês de Sousa. No terceiro capítulo é apresentado o plano de intervenção pedagógica realizada na referida escola e a experiência vivenciada pelos alunos.

Desse modo, o trabalho contribuiu para que o aluno percebesse a realidade cotidiana presente nos contos amazônicos e assim extrair formação e informação sobre a prática da leitura.

1.1 O QUE É LEITURA?

A leitura é um processo pelo qual o ser humano se relaciona com a realidade por meio da compreensão do seu universo. Muitas vezes achamos que somente a escola tem o dever de ensinar a leitura e, com isso, acabamos esquecendo que esse é um processo que engloba todos aqueles que estão à nossa volta, principalmente a família.

Em determinado contexto, podemos ou não ter um entendimento mais profundo daquilo que estamos lendo. Se de fato essa leitura nos leva a uma compreensão, pode-se dizer que essa leitura tem sentido. Morais (1996) afirma o seguinte:

Como todas as artes cognitivas, a leitura uma vez dominada, é simples, imediata, e não demanda esforço aparente. A arte de ler é uma arte esquecida, interiorizada, relegada as operações automatizadas nas redes de neurônios inacessíveis. Felizmente! Se tivéssemos que pensar, não poderíamos ler. Também não conseguiríamos adormecer se quiséssemos saber como adormecemos. No instante em que adormecemos e em que devíamos justamente prestar mais atenção, estamos sempre inconvenientemente distraídos [...] (MORAIS, 1996, p.11).

Contribuindo com as ideias acima, Linhares (2012), enfatiza o ato da leitura como a procura de sentido. Essa procura é o primeiro fundamento que deve ser despertado no aluno, a busca de sentido:

A leitura, hoje, é vista como um processo que se constitui a partir do momento em que o leitor interage com o texto e a ele atribui sentidos. Para tanto, esse leitor necessita ativar saberes de vários tipos, motivados por seus objetivos e, para isso, parte das marcas ou sinalizações textuais elaboradas no propósito da interação. O leitor, nesse processo, é tido como um caçador de sentidos, que se mune de estratégias de várias ordens para construir compreensão para os textos. Temos a certeza de que essa afirmação não é inédita, mas sintetiza parcialmente o aparato teórico cujo diálogo com vários autores nos autorizou a construir (LINHARES, 2012, p. 33)

Portanto, a leitura é um ato social, mas cada indivíduo tem uma forma de compreender diferente, e aí surgem aqueles que usam a leitura com propriedade e segurança, enquanto que existem pessoas que não conseguem se familiarizar de maneira adequada ao processo da leitura. Aquele que não consegue fazer uma boa leitura conseqüentemente não vai conseguir fazer uma boa interpretação.

Partindo desse princípio, percebemos que a leitura é um horizonte de conhecimento que o indivíduo possui e que só se desenvolve de modo eficiente quando de fato ele for capaz de entender o que está escrito em um texto, para, assim,

então poder desenvolver a leitura desse universo que é o mundo. É relevante destacar a abordagem que Kleiman (2008) faz acerca da leitura:

A leitura é considerada um processo interativo, no sentido de que os diversos conhecimentos do leitor interagem em todo momento com o que vem da página para chegar a compreensão. A leitura não é apenas análise das unidades que são percebidas para, a partir de aí chegar a uma síntese. Também a partir da síntese ele procede à análise para verificar suas hipóteses, num processo em que, repetimos, tanto os dados da página como o conhecimento do leitor interagem como fontes de dados necessários à compreensão. (KLEIMAN, 2008a, p. 17-18).

Sobre essa abordagem é relevante destacar que são as interações que perfazem e fazem da leitura um ato de dialógico. Sobre isso, Geraldi enfatiza:

Ao ler um texto, o leitor não pode despojar-se de seus saberes para preencher o espaço vazio assim conseguido com os saberes do autor. Isto seria negar-se ante o texto. Mas também não pode escudar-se em seus 'saberes como verdades absolutas e imutáveis. Isto seria negar o texto. Mesmo quando não concordamos com os pontos de vista defendidos pelo texto que lemos, para podermos criticá-los precisamos estar abertos para compreendê-los por isso mesmo não aceitá-los (GERALDI, 1996, p. 126).

Nesse sentido, “cabe ao professor um papel ativo nesse processo, perguntando, fazendo refletir, fazendo argumentar, escutando as leituras de seus alunos para com elas e com eles (reaprender) o seu eterno processo de ler” (GERALDI, 1996, p. 126). A leitura está atrelada a uma série de fatores a qual se relaciona o ser humano desde muito cedo, como a família. Outros, mais tardiamente, deparam-se com a realidade da leitura escrita já na sala de aula e aos poucos, vão se deliciando com esse universo chamado leitura.

1.1 A IMPORTÂNCIA DA LEITURA SEGUNDO FREIRE

A importância da leitura se faz presente no nosso universo, desde o momento em que começamos a conhecer ou a compreender o mundo que nos cerca. É por meio da leitura que o indivíduo passa a compreender seu dia a dia na sociedade, no seu lugar de convívio, formalizando as interpretações e visões do mundo, de acordo com sua construção enquanto sujeito. Desta maneira, a leitura passa a ser revestida de conhecimento e experiência, fazendo germinar ideias, ensinando silenciosamente a escrever, estimulando a imaginação e fortalecendo a sensibilidade.

Segundo Freire (1981), o ato de ler não se esgota na decodificação da palavra ou da linguagem escrita, mas se antecipa e se alonga na inteligência do mundo, no sentido de uma correta compreensão do implícito, utilizando o conhecimento prévio, proporcionando reflexão com inferências sobre o meio social através da leitura. Para o autor, a leitura promove a construção dos significados do texto, o qual se apoia em diferentes estratégias de conhecimentos acumulados na memória.

O livro “A Importância do Ato de Ler”, de Paulo Freire (1981), relata os aspectos da biblioteca popular e a relação com a alfabetização de adultos desenvolvida na República Democrática de São Tomé e Príncipe. Ao mesmo tempo, nos esclarece que a leitura da palavra é precedida da leitura do mundo e também enfatiza a importância crítica da leitura na alfabetização, colocando o papel do educador dentro de uma educação, onde o seu fazer deve ser vivenciado, dentro de uma prática concreta de libertação e construção da história, inserindo o alfabetizando num processo criador, de que ele é também um sujeito.

Segundo Paulo Freire, como dito acima, a leitura do mundo precede sempre a leitura da palavra. O ato de ler ocorre ao longo da experiência existencial de cada indivíduo. “Primeiro, a leitura do mundo, do pequeno mundo em que o indivíduo se movi; depois, a leitura da palavra que nem sempre, ao longo da sua escolarização, foi a leitura da palavra mundo. Na verdade, aquele mundo especial se dava a ele como o mundo de sua atividade perspectiva, por isso, mesmo como o mundo de suas primeiras leituras” (FREIRE, 1981, p.21).

Os textos, as palavras, as letras daquele contexto em cuja percepção experimentava e, quando mais o fazia, mais aumentava a capacidade de perceber se encarnavam numa série de coisas, de objetos, de sinais, cuja compreensão ia aprendendo no seu trato com eles, na sua relação com seus irmãos mais velhos e com seus pais.
A leitura do seu mundo foi sempre fundamental para a compreensão da importância do ato de ler, de escrever ou de reescrevê-lo, e transformá-lo através de uma prática consciente (FREIRE, 1981, p. 12).

Em outras palavras, antes da leitura e da escrita, enquanto ato pedagógico e escolar, a criança lê o seu mundo descrito na sociedade letrada e identificado em nomes de ruas, de casas comerciais, de produtos alimentícios, enfim em tudo que a rodeia. Paulo Freire inicia suas memórias de leitura comprovando essa aptidão natural e universal de toda a criança que, independente de seu tempo e espaço-local, lê o mundo (FREIRE, 1981).

Dessa forma, é razoável determinar que leitura e realidade estão implicadas dinamicamente, não somente pela escrita espalhada por todos os lados, mas pela naturalidade em que tudo o que está escrito nos pertence na sociedade. É dessa leitura do mundo particular e do cotidiano individual que se configura o caminho para a leitura de cada pessoa.

Para Paulo Freire (1981), esse caminho da leitura vai se naturalizando e podemos constatar que, ao relatar a “leitura” de seu mundo, o indivíduo mostra o seu cotidiano e suas aprendizagens ocorreram por meio “das leituras” que determinaram o seu “eu” criado e recriado, vivido e revivido. “No seu ato de aprender a ler e a escrever, essa leitura, paralela e não superposta, determinou a sua leitura da palavra, pois fluía naturalmente da leitura de seu mundo particular” (FREIRE, 1981, p.2).

Na busca em encontrar uma definição sobre o processo de alfabetização, caracterizado na leitura e na escrita a partir de Paulo Freire, novamente, a assertiva ‘a leitura do mundo precede a leitura da palavra, daí que a posterior leitura desta não possa prescindir da continuidade da leitura daquele’ (FREIRE, 1994, p. 11), propõe que o processo de alfabetização aconteça no contexto dos educandos e das educandas, no meio a que pertencem, em suas diferentes interações com o mundo em que vivem, inicialmente, e em um segundo momento, a alfabetização se dá quando tais educandos e educandas começam a interagir por meio da escrita.

1.2 O ENSINO DA PRÁTICA DA LEITURA

É inegável que nas escolas ainda estão presentes as aprendizagens mecânicas, cujas consequências levam os alunos a decodificarem os textos, sem buscarem sentido de compreensão. Esse mal afeta diretamente os alunos e produz a grande aversão pelo ato de ler. São poucos os alunos que têm interesse pela leitura ou que são capazes de realizar interpretações coerentes com aquilo que leem. Esse fato é reflexo direto de como foi apresentado e desenvolvido a leitura para os alunos.

Quando não se entende a relevância da leitura para a vida, ela não se torna um processo libertador, mas sim uma ação contraditória à sua própria essência. Pelos métodos tradicionais, ainda existem as “provas de Leitura” com a finalidade de associar um número, a fim de quantificar a capacidade de ler, sem a intenção de qualificar a leitura realizada pelos alunos.

Orlandi (1996), nos alerta que a leitura não pode ser transformada em ferramenta pedagógica para se alcançar determinados objetivos – desempenho favorável nas atividades avaliativas e progressão na escolarização, não necessariamente instrumento de construção de conhecimento e identidade. Tal perspectiva ressalta a face instrumental da leitura:

Isso conduz ao tratamento da leitura apenas em termos de estratégias pedagógicas exageradamente imediatistas. E a leitura deve ter, na escola, uma importante função no trabalho intelectual geral. Na perspectiva imediatista, as soluções propostas colocam à disposição do estudante apenas mais um artefato escolar pronunciadamente instrumental. Visando a urgência de resultados escolares, se passa por cima de aspectos fundamentais que atestam a história das relações com o conhecimento tal como ele se dá em nossa sociedade, assim como sobre a história particular de nossas instituições do saber e seus programas (ORLANDI, 1996, p. 35).

Para a autora, quando isso acontece “ocorre um reducionismo pedagógico, visto que a leitura é deslocada de seu caráter social e histórico de compreensão da realidade para atender a uma situação própria do contexto escolar” (ORLANDI, 1996, p. 37).

Nesse sentido, antes do ensino da leitura em si, é necessário uma organização sistemática que possua início, meio e fim, ou seja uma organização completa em que o aluno por meio de etapas passe a vivenciar de modo gradativo o universo da leitura. Muitos autores, entre eles Solé (1998) chama essa organização de estratégias de leitura, que segundo a autora “são procedimentos de caráter elevado, que envolvem a presença de objetivos a serem realizados, o planejamento das ações que se desencadeiam para atingi-los, assim como sua avaliação e possível mudança” (SOLÉ, 1998, p. 69-70). Da mesma forma, todas as atividades devem perfazer um itinerário que viabilize acima de tudo o sentido, não podendo se prender unicamente ao texto em si, como nos aponta Linhares (2012):

Na atividade de construir sentido por meio da leitura, o leitor precisa utilizar várias estratégias sociocognitivas a fim de realizar o processamento textual, que depende não só das características internas do texto, como do conhecimento que armazena, pois é esse conhecimento que define as estratégias a serem utilizadas na produção/recepção do texto. O processo de produção textual é caracterizado por ser um processo ativo e contínuo do sentido e se liga a redes de unidades e elementos suplementares, ativados de acordo com um dado contexto sociocultural, constituinte ímpar para a construção do sentido (LINHARES, 2012, p. 54).

Após essa descrição ficou evidente que cada leitor busca informações para construir sentido em sua leitura. Em uma abordagem mais sistemática Koch (2009), destaca a existência de três interfaces do conhecimento: o linguístico, o enciclopédico e o interacional. A relevância dessa rede consiste no fato de que o leitor terá maior interação com textos de gêneros diversificados, isso é claro levando em consideração seus contextos e objetivos de leitura.

2. A LITERATURA AMAZÔNICA ENTRE LENDAS E MITOS

A literatura, quando analisada contemporaneamente, não pode ser entendida simplesmente sob um olhar unidimensional, pois, no decorrer de sua história houve evoluções contextualizadas no ambiente social em que o ser humano esteve inserido o que fez a literatura se configurar sob várias manifestações. É por isso que a literatura apresenta várias variações, em particular, com a função de confirmar a humanidade do homem (CANDIDO, 1972, p. 702). Desse modo, a literatura reflete na personalidade do homem, contribuindo de maneira ampla e profunda para um reconhecimento de sua identidade.

2.1 A IMPORTÂNCIA DA LITERATURA

“A Literatura é um conteúdo que precisa ser ensinado nas escolas porque possibilita refletir sobre o mundo, criar realidades, ampliar o repertório de linguagem e formar comunidades que se identificam com um determinado conjunto de obras, entre outras habilidades” (COLOMER, 2007, p. 36).

Segundo Colomer (2007), um dos aspectos do fracasso do estímulo à leitura que mais chamam a atenção tem a ver com a aprendizagem escolar. Ler e escrever são as primeiras tarefas em que as crianças podem não alcançar o que se espera delas. Então, criam defesas, passam a dizer "eu não gosto de ler", na tentativa de se preservar.

Acredita-se que a literatura é um assunto pouco abordado, tanto no meio social, como nas escolas, por isso faz-se necessário destacar um pouco de sua história e de sua importância na formação de bons leitores. Reconhece-se que não se pode generalizar a situação, mas em alguns contextos escolares essa abordagem não é realizada, ou quando é considerada, é tomada de forma superficial. Nesse sentido, inicialmente, torna-se pertinente entender o que é literatura.

De acordo com Colomer (2007, p. 52), “a palavra literatura designa textos que buscam expressar o belo e o humano através da palavra. Embora se possa usá-la com significados mais amplos, deve-se distinguir seu emprego genérico de seu artístico, criativo, subjetivo”.

Para Colomer, (2007, p. 4)

[...] entre as artes, a Literatura é das mais eloquentes, devido à amplitude de seus recursos expressivos. Ela não só pode dar perenidade ao gesto ou ao ato fugaz de viver, como principalmente se concretiza em uma matéria formal que corresponde àquilo que distingue o homem dos demais seres do reino animal: a palavra, a linguagem criadora.

De acordo com a autora, a literatura é a leitura da vida, envolta numa linguagem simbólica, reflexo puro da realidade, esta travestida, redesenhada pelo autor e depois pelo leitor. Logo, a literatura é a arte de compor escritos, em prosa ou verso. O conjunto das obras literárias de um agregado social, ou em dada linguagem, ou referidas a determinado assunto: Literatura infantil, literatura científica (COLOMER, 2007). Em todas essas definições e argumentações sobre o conceito literatura, fica explícita a possibilidade de expressão e comunicação através da palavra. Acredita-se, assim como os autores, que é através da palavra contada na história e da significação que esta pode oferecer ao aluno que a literatura torna-se significativa e expressiva na formação de leitores.

Sendo assim, percebe-se que grande parte da formação literária dos meninos e das meninas se produz através do seu contato direto com a literatura destinada à infância e à adolescência. Nestes termos, “[...] com o manuseio e a leitura desses livros formam-se muitas expectativas acerca do que se pode esperar da literatura, aprende-se a inter-relacionar a experiência vital com a experiência cultural fixada pela palavra [...]”. (COLOMER, 2007, p. 73).

Acredita-se que seja a partir destas experiências possibilitadas pela leitura que a criança se envolve com o mundo da leitura literária e desenvolve relacionamentos, compreensão e interpretação do mundo e dos acontecimentos que a cerca. A criança que lê, escreve melhor, compreende melhor, relaciona-se melhor, possui um vocabulário melhor e interpreta melhor.

São inúmeros os benefícios da leitura, por este motivo é que merece ser valorizada e estimulada na escola e na família, pois proporciona desenvolvimento intelectual, cognitivo, mental e social. É importante ressaltar que o interesse pela leitura é o ponto inicial para a formação do leitor. Por isso precisa-se encantar a criança e chamá-la para a leitura, e isso, com certeza, o conto oferece. E quando pais e professores também se encantam com as obras literárias e dão exemplo para filhos e alunos, o hábito da leitura acontece naturalmente.

Acredita-se que através da leitura e da maneira com que se lê um livro é possível relacionar a história ao mundo real, pois todo livro tem uma história para contar, e uma lição para nos ensinar.

A literatura é importante para o desenvolvimento da criatividade e do emocional infantil. Quando as crianças ouvem histórias, passam a visualizar de forma mais clara sentimentos que têm em relação ao mundo. As histórias trabalham problemas existenciais típicos da infância como medos, sentimentos de inveja, de carinho, curiosidade, dor, perda, além de ensinar infinitos assuntos que com o tempo terá maior significado para elas (COLOMER, 2007, p.24).

Nesse sentido, a leitura toma importância no processo de desenvolvimento da criança, principalmente durante o período de alfabetização, pois contribui através de suas histórias para o encantamento e a necessidade em aprender a ler. Durante o período de alfabetização, é importante que o professor se utilize da literatura infantil, para estimular a leitura, criando estratégias para que o aluno entenda o que o texto quer dizer, ou seja, interprete-o.

Essa é a importância da escolha pela história e pelos livros, pois se o texto é atrativo, com ilustrações, ou com algo que chame a atenção do aluno ou do leitor, a leitura se torna mais interessante e conseqüentemente, isto fará com que o aluno construa um processo de constantes leituras, adquirindo gosto por ela. Entende-se, nessa situação, a necessidade de compreensão a partir da leitura realizada, pois em seu processo de criação do hábito de leitura o leitor(aluno), precisa compreender o que lê e nesse momento a presença e auxílio do professor é fundamental.

Aprender a ler não é muito diferente de aprender outros procedimentos ou conceitos. Exige que a criança possa dar sentido àquilo que se pede que ela faça, que disponha de instrumentos cognitivos para fazê-lo e que tenha ao seu alcance a ajuda insubstituível do seu professor, que pode transformar em um desafio apaixonante o que para muitos é um caminho duro e cheio de obstáculos (COLOMER, 2007, p.65).

O professor também auxilia na formação de leitores no momento em que se dispõe a dar exemplos para que este hábito torne-se pontual, sendo estimulado em todos os momentos. Colomer (2007) afirma que para ensinar a ler é preciso gostar de ler. Quando o educador não gosta ou não busca novos caminhos para aperfeiçoar sua prática leitora, a chance de seu aluno se interessar pelo tema diminui.

Nesse sentido, reflete-se sobre a movimentação do professor, no momento que conta histórias para seus alunos, pois ele precisa usufruir de diferentes técnicas e formas para contar a história a seus alunos, instigando neles a vontade em continuar

a leitura, em buscar novos livros, em viajar com as histórias e encantar-se com este maravilhoso mundo imaginário. (COLOMER, 2007).

As estratégias e técnicas que o professor utiliza nesse momento de contar histórias precisam ser as mais variadas possíveis, permitindo aos alunos vivenciarem também a história, de maneiras diferentes. A dramatização, por exemplo, é uma das técnicas que desperta a atenção e permite observar e sentir a realidade da história. Acredita-se que esta técnica possibilita não só ao aluno desenvolver habilidades e competências, mas também ao professor, pois o estimula a expressar-se oralmente e corporalmente. (COLOMER, 2007).

Trabalhar a leitura literária implica em momentos prazerosos, inclui-se aqui a contação de histórias. Estas utilizadas oralmente, ou em forma de dramatização, interpretação, favorecendo a imaginação da criança, a qual se torna em alguns momentos a principal atração da literatura infantil.

É importante frisar que o professor precisa possibilitar estes espaços, fazendo com que a criança sinta atração pela leitura. Durante a leitura pode-se trabalhar a hora certa de falar e ouvir, permitindo que o aluno compreenda a importância dos limites em determinadas situações. (COLOMER, 2007).

Estimular o hábito da leitura através dessas simples estratégias permite possibilitar o desenvolvimento deste hábito, de maneira saudável e leve, sem que o aluno sinta-se pressionado ou obrigado a ler. Por outro lado, é necessário que o aluno também compreenda aquilo que lê, pois segundo Colomer (2007, p.72):

[...] formar leitores autônomos também significa formar leitores capazes de aprender a partir dos textos. Para isso, quem lê deve ser capaz de interrogar-se sobre sua própria compreensão, estabelecer relações entre o que lê e o que faz parte do seu acervo pessoal, questionar seu conhecimento e modificá-lo [...].

Nesse sentido, acredita-se que, para conseguir formar bons leitores, é necessário que primeiramente tenha-se esse hábito em família, seguidamente dos professores nas escolas e, conseqüentemente, que frequente a biblioteca, e que a criança tenha experiências diferentes, contatos com livros diferentes, e que lhe proporcionem novas descobertas.

Não há dúvida de que, no sistema cultural que é representado pela escola, a leitura literária, em si, ainda é aquém das possibilidades que o ensino de literatura poderia ou deveria propiciar. As inter-relações entre a leitura e a literatura no contexto escolar mostram-se descompassadas com as práticas de leitura que circulam na

escola e as discussões sobre leitura recorrentes fora do espaço escolar, visto que, existem ambientes escolares permeados pelo “autoritarismo instrucional, verticalidade comunicacional e ou censura comportamental” (COLOMER, 2007, p. 31).

A escola deve estar atenta para reverter o quadro de escolarização da literatura, quando prioriza a historicidade e uso de textos literários como mero pretexto para trabalhar regras gramaticais, descaracterizando o espaço da leitura literária nas salas de aula, deixando a mesma de ser vista como “forma de conhecimento, fonte de prazer, maneira de observar e usufruir a infinidade de usos e frutos implicados na língua” (COLOMER, 2007, p. 11).

A literatura precisa ser compreendida pelo discente como um fenômeno cultural, histórico e social. O professor tem a função de chamar a atenção dos alunos para o caráter ideológico dos textos literários, mostrar que as obras literárias estão impregnadas de informações (valores ideológicos de uma época, costumes etc.) que influenciam a constituição do texto.

A literatura atua como instrumento de educação, de formação do homem, de humanização, uma vez que exprime realidades que a ideologia dominante tenta esconder:

A literatura pode formar; mas não segundo a pedagogia oficial. [...] Longe de ser um apêndice da instrução moral e cívica, [...], ela age com o impacto indiscriminado da própria vida e educa como ela. [...]. Dado que a literatura ensina na medida em que atua com toda a sua gama, é artificial querer que ela funcione como os manuais de virtude e boa conduta. E a sociedade não pode senão escolher o que em cada momento lhe parece adaptado aos seus fins, pois mesmo as obras consideradas indispensáveis para a formação do moço trazem frequentemente aquilo que as convenções desejariam banir. [...] É um dos meios por que o jovem entra em contato com realidades que se tenciona escamotear-lhe (COLOMER, 2007, p. 805).

Evidentemente, se faz necessário refletir o modo como a literatura vem sendo trabalhada nas escolas, a fim de ressignificar o seu ensino-aprendizagem.

Enfim, Colomer (2007) nos demonstra que o professor precisa perceber-se condutor do processo de ensino-aprendizagem, ter a figura do livro didático como um apoio e não como um guia que deve ser seguido à risca, rompendo, dessa forma, com os mecanismos cristalizados de abordagem da literatura nos livros didáticos, legitimando o lugar dela na escola, por meio de escolhas fundamentadas em determinadas concepções teórico-metodológicas. O professor, deve, finalmente, ter consciência de direcionar e determinar o ensino da literatura, já que, se trata de um

direito do educando, e quando bem mediada pelo professor, tem caráter cultural, histórico e social, e essa literatura (COLOMER, 2007).

2.2 LENDAS E MITOS COMO ELEMENTOS IDENTIDÁRIOS DE UM POVO

Neste tópico é apresentada uma abordagem das lendas e mitos no que se refere ao fenômeno identitário que compõe a história de um povo. Serão apresentados elementos comuns que levaram à criação de tais narrações e sua perpetuação no tempo.

As existências das histórias de lendas e mitos são elementos presentes nas lembranças e no imaginário dos sujeitos de qualquer comunidade humana. Essas histórias são naturais aos povos e que permanecem de maneira viva na memória, a qual é perpassada para futuras gerações.

Apesar de a época atual ser chamada de pós-moderna, caracterizada pelo alto índice de cientificismo e elevado avanço tecnológico, é comum a presença das lendas e mitos em qualquer sociedade. Sobre isso, Carneiro et al (2005) destaca:

Quem vai podar o homem dos sonhos, das suas ilusões, da imaginação fértil e livre que constrói os básicos sentidos para o mundo e a vida. Isso, até hoje, não pode, e não deve ser contido. Os símbolos e a linguagem (outro símbolo) planam soltos. Vêm, de onde ninguém sabe. E são eles que identificam uma sociedade, um povo, dando-lhe uma identidade singular, onde quer que ele esteja (CARNEIRO JÚNIOR et al, 2005, p.12).

Para os autores esse fenômeno não pode ser contido e nem deve, pois, por meio de mitos e lendas são adquiridas identidades, as quais configuram suas marcas no mundo e na sociedade.

Na seção seguinte, apresentaremos brevemente a conceituação do termo “lenda” e suas principais características.

2.2.1 As lendas

As lendas são muito comuns na região amazônica, e se apresentam sob a forma de narrativa oral ou escrita, mas em sua grande maioria as lendas amazônicas são transmitidas oralmente. Seus aspectos mais recorrentes são a transmissões que ocorrem de maneiras subjetivas, carregadas de encantos e maravilhosos fatos,

fazendo com que os ouvintes sejam envolvidos e se sintam parte da narração. Além disso, existe a presença do fantástico que se mistura com o real, dificultando para o ouvinte identificar a fantasia e o real. Para Holanda (1986, p. 835), lenda é uma “narração escrita ou oral, de caráter maravilhoso, na qual os fatos históricos são deformados pela imaginação popular ou pela imaginação poética”.

Deve-se destacar a presença nas lendas do espaço geográfico fixado. Por isso, em cada lenda contada é determinada a localização do fato. Para Cascudo (1976):

As lendas são episódio heroico ou sentimental com elemento maravilhoso ou sobre-humano, transmitido e conservado na tradição oral e popular, localizável no espaço e no tempo. De origem letrada, lenda, legenda, “*legere*” possui características de fixação geográfica e pequena deformação e conserva-se as quatro características do conto popular: antiguidade, persistência, anonimato e oralidade. É muito confundido com o mito, dele se distancia pela função e confronto. O mito pode ser um sistema de lendas, gravitando ao redor de um tema central com área geográfica mais ampla e sem exigências de fixação no tempo e no espaço (CASCUDO, 1976, p. 348).

Em termos simples, os fatos se perpetuam ao passar do tempo numa transmissão que consegue permanecer no tempo, sem que seja identificado quem a produziu e tudo isso por meio da oralidade.

Os conteúdos das lendas abordam narrações sobrenaturais misturadas no natural e por meio delas tentam explicar fatos e fenômenos não compreendidos. Essa facilidade das lendas em associar ao sobrenatural, pode ser entendido da seguinte forma:

Os mitos e as lendas são fenômenos da psique, dos dados individuais e coletivos, da trajetória épica, trágica ou cômica, dos seres humanos. Através dos mitos e das lendas pode-se penetrar nos meandros psicológicos dos homens, investigar seus desejos e suas leituras da terra e de si mesmos; o que é, num certo sentido, conhecer a própria história. Só que em uma visão mais ampla do que a análise fatural. É uma tarefa árdua tentar divisar nas mitologias seus possíveis adventos fatais. Mitos de criação do mundo, com seus heróis épicos em luta com a natureza e os deuses, são comuns nas sociedades antigas (CARNEIRO JÚNIOR et al, 2005, p.12).

Pode-se dizer que as lendas trazem a marca da mente de um povo e sua relação no espaço geográfico natural. As lendas apresentam a forma de pensar e entender questões poucos comuns. Também, a lenda descreve a história de um fato, que ganhou amplitude e transformação no decorrer do tempo acima do original. Sobre isso, Pierre (2005, p.16), explica que “as lendas históricas fundamentam-se em fatos reais, mas o narrador altera a verdade a fim de prová-la”. É com a intenção de

autenticá-la que o narrador utiliza o fantástico, a fim de convencer o ouvinte de sua veracidade.

Na próxima seção, focalizaremos a noção de “mito”, apresentando, em linhas gerais, seus traços constitutivos.

2.2.2 Os mitos

De origem grega, os mitos perfazem, assim como as lendas, narrativas que tentam explicar acontecimentos da realidade ou da natureza. A intenção é criar uma explicação capaz de satisfazer as indagações sobre o fato questionado.

Um exemplo disso se refere ao fenômeno natural do trovão, que para o povo Viking era atribuído ao deus Thor com seu martelo, dando a ele o título de deus do trovão. O mesmo fenômeno no contexto indígena brasileiro era compreendido como sendo o deus Tupã, o qual controlava os raios e os trovões. Deve-se entender que o mito era a explicação mais convincente, naquele momento, com o desejo humano de busca da verdade.

Para Ferreira, (1999, pg.1347), “O mito é um ideal da humanidade, significação simbólica transmitida de geração em geração, é considerada autêntica dentro do grupo, tem relatos sobre a origem de um determinado fenômeno pelo qual se postula uma explicação de ordem natural”. O que identifica o mito é origem das coisas ou dos fenômenos e sua explicação fantástica, por meio de seres sobre-humanos.

Na compreensão de Neto (1977, p. 146), tal termo é assim definido: “Mito – Narrativa da ação de um ser inexistente. É a representação mental e irreal de um elemento com formas humanas, de astros, de peixes, de outros animais ou qualquer coisa, cuja ação em geral causa medo”. O mito apresenta em seu desenvolvimento muitos elementos peculiares, que são capazes de adornar, favorecendo uma configuração de mágico ou divino. Desse modo, pode-se entender que:

Essas histórias estão recheadas de eventos naturais catastróficos e monstros transumanos, contra os quais os heróis e heroínas se põem em luta brava, para redimir a sociedade, de uma falta, uma culpa, ou um desvio impensado das conveniências divinas. Muitos desses eventos parecem ter sido ocorrências físicas, ou geológicas, reais. Mas, como o homem podia explicar o inexplicável? Os rituais de nascimento, morte e de passagens, as viagens fantásticas, são procedimentos necessários de expiação, busca da paz, da superação, da transposição para uma nova posição individual e social; são caminhos para o apaziguamento da alma. E, assim, os mitos se fizeram e se fazem (CARNEIRO JÚNIOR et al, 2005, p.13).

Evidencia-se que nos mitos existem das uniões entre as várias formas de pensar do homem em determinado tempo, assim como também manifestações culturais e folclóricas, as quais identificam um determinado povo por suas vivências e realidades, que podem ser celebradas de caráter religioso ou não.

2.3 LENDAS E MITOS AMAZÔNICOS SOB O OLHAR DO MARAVILHOSO

Contar uma história do passado é valorizar a sua cultura, ou seja, a própria identidade. Essas histórias deveriam ser registradas a fim de dar continuidade para a próxima geração. Desta forma, o poder de narrar uma história comum de um povo que mora na Amazônia e que existe até hoje, leva a valorizar os elementos presentes como os aspectos misteriosos e os poderes sobrenaturais dos personagens.

O que é atrativo nas narrativas amazônicas é a presença do maravilhoso, que de modo sublime valoriza os personagens nelas contidas. Sobre isso, Todorov (1979, p.27), destaca que “o maravilhoso pode caracterizar-se exclusivamente pela existência de feitos sobrenaturais, sem implicar a reação que provocam nos personagens”. O maravilhoso está acima do natural e isso é bastante chamativo, já que por meio da razão procura respostas para o entendimento da história.

As lendas como do “boto” e da “cobra grande” que são narrativas míticas da Amazônia, possuem uma história sagrada e que pelos seus aspectos se tornam contagiantes de sensações sobrenaturais que fazem parte do conjunto de conhecimento fictício da Amazônia.

A maior prova da existência do maravilhoso na cultura do povo amazônico são as festas populares, as quais todos os anos se renovam, essa é uma identidade cultural que perpassa de geração em geração com grande intensidade. A Amazônia apresenta uma riqueza natural que é conhecida nacionalmente e que acaba formando o alicerce cultural do Brasil.

Portanto, as narrativas são histórias que fazem parte do imaginário e que também possuem poder maravilhoso, os quais são vivenciados sob muitas formas, inclusive como sagrados. Assim, “o mito é uma história sagrada retratada através das narrativas que relatam os feitos dos protagonistas e do acontecimento primordial” (LOUREIRO, 2001, p. 95). E o povo entende e vive assim, que existe um sobrenatural nas lendas e contos.

As crenças provêm da mitologia, possuindo uma diversidade religiosa, étnica e cultural, resultados das confluências sociais, principalmente dos ribeirinhos que vivem em contato com a natureza e que interfere na formação cultural trazendo histórias sobrenaturais e festas religiosas das suas localidades. As crenças religiosas misturam-se com poderes imaginários e as práticas de origem nativa.

A Amazônia é uma terra onde existem espécie diferentes costumes religiosos, onde a cosmovisão do seu povo forma assim uma ideologia natural, compreendendo a formação do sistema religioso que se estabelece na identidade do seu povo. Criase também entre o ser humano e o sagrado uma relação com o racional e o irracional que está ligada diretamente com a cultura do povo e traz influência na vida cotidiana de cada um que vive a sua história e que busca o poder do imaginário.

O homem é um ser pensador que é capaz de provocar em si mesmo, um poder sobrenatural, principalmente quando ele narra uma história considerada mito. A principal missão de uma tradição religiosa é passar de forma oral e escrita tudo aquilo que uma geração herda das gerações antepassadas. É a transmissão das narrativas, das memórias, dos valores espirituais, dos rituais e dos costumes que sustentam as experiências sagradas. O sagrado é muito mais que religião, ele se faz presente em lugares significativos com pessoas capazes de envolver-se psicologicamente em poder sobrenatural do povo que faz parte dessas tradições culturais e religiosas.

Segundo Eliade (1992):

Visto que o Ano Novo é uma reatualização da cosmogonia, implica uma retomada do Tempo em seus primórdios, quer dizer, a restauração do Tempo primordial, do Tempo "puro", aquele que existia no momento da Criação. É por essa razão que, por ocasião do Ano Novo, se procede a "purificações" e a expulsão dos pecados, dos demônios ou simplesmente de um bode expiatório. Pois não se trata apenas da cessação efetiva de um certo intervalo temporal e do início de um outro intervalo (como imagina, por exemplo, um homem moderno), mas também da abolição do ano passado e do tempo decorrido. Este é, aliás, o sentido das purificações rituais: uma combustão, uma anulação dos pecados e das faltas do indivíduo e da comunidade como um todo, e não uma simples "purificação" (ELIADE, 1992, p.42).

O ano novo é uma tradição que se renova a cada ano com poder sobrenatural que envolve as pessoas e que transmite por gerações. É uma tradição cultural e religiosa que se comemora no mundo inteiro, a despedida de um ano velho, com a chegada de um ano novo. A identidade de um povo que vive uma tradição deixada pelas suas raízes e que se transborda de poderes sobrenaturais. As festas primordiais que se comemoram no decorrer do ano são tradições que inspiram de renovação e

de poderes fictícios que contagiam nas comemorações e festejos dos costumes do povo, que possui uma identidade cultural garantida desde o seu nascimento até os dias de hoje.

A Amazônia apresenta uma riqueza cultural que é conhecida nacionalmente e que acaba formando o alicerce cultural de seu povo. Portanto, as narrativas são histórias que orientam a vida e possuem poder religioso de ser visto como eficiente, então, o mito é uma história sagrada retratada através de narrativas que relatam os feitos dos protagonistas do acontecimento primordial.

2.4 O TRANSMISSOR DAS LENDAS E DOS MITOS NA AMAZÔNIA

Pelo exposto acima, a lenda e o mito conseguem permanecer e se transmitir no tempo. Cabe saber como isso acontece, pois mediante a tantas transformação essas histórias continuam vivas na memória e na prática cultural do povo.

Isso só é possível graças a pessoa do narrador das lendas e mitos, que tem como característica a arte do imaginário. Conhecê-lo é uma forma de valorizar as sabedorias tradicionais que vão passando de geração para geração, relacionando o contexto natural, cultural e sobrenatural.

As histórias contadas são carregadas de depoimentos e lembranças mágicas. No centro da narrativa, está uma mistura de acontecimentos que descrevem pessoas, lugares e fatos que existem ou existiam, com acontecimentos misteriosos, inexplicáveis sobre a história narrada.

Nesse sentido, as lendas e mitos na Amazônia apresentam imagem própria e descrevem animais do fundo dos rios, caraúnas, cobras grandes, botos, mãe do rio, dos igarapés, flechadas de bichos, mau olhado, mundiação, desencantamento e muitos outros. E todas essas histórias confirmam os fatos vividos pela população, especialmente para os ribeirinhos em seu cotidiano de relações com os rios e as florestas.

As lendas e mitos amazônicos apresentam muitas versões, isso acontece porque os narradores se identificam com a história contada por outros ou vivida por eles. No decorrer dos tempos, essas histórias serviram como exemplo para pais e filhos, sendo que o senso prático é uma das características das narrativas orais, pois é por meio dessas histórias que se passam os conselhos e as sabedorias (BENJAMIN,1985). Um bom exemplo disso é a lenda do boto, o qual surge para

encantar mulheres novas e levar para o fundo do rio, esse fato faz com que as famílias tenham cuidado com as moças em casa.

Hoje, mesmo com todo o avanço da tecnologia da modernidade, os acontecimentos que estão surgindo cada vez mais, com velocidade em nossa sociedade, que fazem com que o povo esteja esquecendo-se de valorizar seus costumes, suas culturas, crenças e se apegando ao novo. No entanto, ainda existem em alguns lugares, principalmente na zona ribeirinha, em que esses costumes de contar histórias dos ancestrais fazem parte da prática social.

Na zona rural, os povos ribeirinhos costumam narrar histórias vividas por eles ou contadas por seus antepassados e assim vão dando continuidade às culturas locais. Os avós tinham um forte prestígio de contador de lendas e mitos. Eles tinham perante a família uma imagem de sabedoria prática que repassavam por meio das histórias para seus filhos, sobrinhos, já que nesse tipo de história todos gostavam, desde as crianças até mesmo os adultos.

Na mediada em que o homem com sua história foi criando conhecimentos, valores, fatos e experiências como forma de cada vez mais se situar no mundo e para o mundo, ele acaba por não vivenciar práticas culturais, que antes eram por eles valorizadas. Práticas essas, que são socialmente construídas, descobertas e trocadas entre pessoas do mesmo grupo social. no caso das narrativas orais, não se pode falar sobre as mesmas sem fazer referências aos lugares onde vivem aqueles que fizeram ou fazem as histórias que ouvimos.

Nesse sentido, essas histórias precisam ser contadas e também escritas, é aqui que entra a proposta do trabalho, para que sejam repassadas para as futuras gerações. Conhecer o que há de inexplicável ou descobrir o que de submerso se pode encontrar nessas histórias permite que se conheça o imaginário de um povo.

Na cultura do caboclo amazônico podem ser encontradas várias riquezas, entre elas, está a riqueza da imaginação. Se pensarmos neste mundo real amazônico, veremos que o mesmo imaginariamente se liga ao irreal, ou seja, trata-se de um mundo que vai além do mundo evidente.

O caboclo amazônico, ao se tornar íntimo da lenda e do mito criado por ele ou vivido por um povo, sente-se parte também e por isso pode contribuir de várias maneiras, como vivenciando por meio das tradições ou divulgando por meio das narrações. Assim, ao assumir a lenda e o mito como elementos de sua identidade, o homem descobre o imaginário, onde tudo é possível, o sobrenatural resulta em

natural, o mistério torna-se agradável e tudo é aceito com a maior naturalidade e através dessa aceitação é que as narrativas adquirem um aspecto maravilhoso para apreciar algo que não vemos e, no entanto, acreditamos que exista. Segundo Loureiro (1995):

Nas interpretações da Amazônia onde convivem em harmonia caráter científico, o tom impressionista e as observações sobre o cotidiano, com muita frequência transparece sob a ótica de quem contempla uma espécie de maravilhamento face ao que é, ou parece ser, desmedidamente grande, ou belo, ou forte (LOUREIRO, 1995, p.95).

É o ambiente maravilhoso de equilíbrio que as pessoas podem usufruir a cultura por meio da razão e do imaginário sem constrangimento para ambas as partes.

No passado, quando os anciões contavam muitas histórias, cada qual com sua especificidade própria, o entendimento das pessoas que ouviam ia gradativamente aumentando por meio das imagens que iam surgindo. O pensamento ia sendo formado e o comportamento aos poucos ia se normatizando. Quando eles começavam a narrar, parecia que o tempo parava. Eles narravam não só para encantar, mas também para ensinar e passar para as próximas gerações.

Dessa forma, se reconstruía uma nova perspectiva e manutenção não só de um narrador que se perpetuava pelas narrativas, mas nas lembranças da maioria do grupo em que ele está inserido, como também se garantia a manutenção de valores culturais, morais e éticos da permanência e existência significativa de cada membro dentro daquele grupo.

Então, o contador de história não era um ser profissionalizado, mas alguém que ia se identificando com as características próprias, devido as suas experiências vividas e construídas no decorrer do tempo. Assim, a narrativa ganha aspectos importantíssimos, devido esta conter descrições pormenorizadas, tão próximas de uma realidade, que poderia ser captada pelos ouvintes – expectadores, uma descrição tal qual a realidade. As palavras jorram da boca com um certo encantamento que maravilha a todos com as suas possibilidades de sensação (sinestésicas) diante do mundo das narrativas orais, criando assim expectativas do início ao fim de cada história narrada.

Contudo, é preciso entender, que “a cultura do mundo ribeirinho se espalha pelo mundo urbano, assim as narrativas vão se espalhando culturalmente” (LOUREIRO, 2001, p. 65). A cultura amazônica é valorizada e apresenta uma origem bem elevada

e na origem rural e ribeirinha é que se vive com mais intensidade essas manifestações, nas histórias contadas de pai para filho, no decorrer do imaginário unificado refletido no mito (PIZZARRO, 2005).

As narrativas possuem acontecimentos sociais de determinadas regiões, criando uma identidade cultural através dos fatos ocorridos com pessoas da comunidade em tempo cronológico que vêm sendo repassado oralmente através dos tempos. Para que as narrativas tenham continuidade e sobrevivam, é preciso a transmissão desses conhecimentos, tanto oral, quanto escrito. Um bom narrador é aquele que vivencia a sua história ou a história do outro e saiba repassar oralmente. Segundo Benjamin (1985):

A alma, o olho e a mão estão assim inscritos no mesmo campo. Interagindo, eles definem uma prática. Essa prática deixou de nos ser familiar. O papel da mão no trabalho produtivo tornou-se mais modesto, e o lugar que ele ocupava durante a narração está agora vazio. (Pois a narração, em seu aspecto sensível, não é de modo algum o produto exclusivo da voz. Na verdadeira narração, a mão intervém decisivamente, com seus gestos, aprendidos na experiência do trabalho, que sustentam de cem maneiras o fluxo do que é dito.) (BENJAMIN, 1985, p. 220,221).

Em cada pessoa que apresenta uma identidade cultural persistente de um povo que valoriza suas raízes através de suas tradições, o narrador prevalece, e na Amazônia essa característica é mais forte, pois a prática de narrar está gradativamente nas famílias ribeirinhas, é lá que vivem bons narradores.

2.5 A INSERÇÃO DA LENDA E DO MITO NA ESCOLA

Pode-se compreender e vivenciar sob vários aspectos a questão mítica amazônica. Mas, o que a torna comum sob essas várias abordagens é que vivenciá-la permite a construção de cidadania, identidade resgatada e preservada, além de sua perpetuação no tempo.

É um processo que envolve a sociedade, artistas de todos os gêneros e interesse político. No entanto, o ambiente favorável para que a memória presentes nas narrativas míticas sejam plenamente entendidas como um patrimônio de um povo ocorre na escola. É na escola, como sendo o primeiro espaço social da criança, que a prática daquilo que a criança ouve e vê acontece.

No trabalho desenvolvido por Sá e Egas, (2015) é defendida a razão da inserção da lenda e do mito na escola:

Dessa forma, a busca em resgatar esse assunto e desenvolvê-lo nas escolas se faz necessário à medida que cada lenda e mito traz uma linguagem e a representação de hábitos regionais muito típicos e que representam quem somos. Fazer o resgate das nossas tradições e patrimônios imateriais é de fato buscar entender de maneira mais ampla nossas heranças culturais e as formas de como elas podem ser compreendidas e mantidas, pois muitos pensam que patrimônios fazem referência apenas a elementos palpáveis. Porém quando falamos de patrimônios estamos nos referindo a tudo que pode de alguma maneira nos auxiliar na compreensão da nossa história, cultura e tudo que mostra a identidade de um povo ou comunidade (SÁ e EGAS, 2015, p. 3)

Os primeiros contatos da criança com a cultura da sociedade ocorre na escola e se a escola não dispõe de meios para a transmissão e preservação essa mesma cultura fica comprometida, o que a torna vulnerável podendo ser até esquecida.

Novamente as autoras expõem a necessidade de apresentar lendas e mitos para as crianças:

Sendo assim, apresentar as lendas e mitos aos alunos torna-se um ato de cidadania, pois a comunidade tem o direito de conhecer e perceber que não se trata apenas de histórias fantásticas e sim de ensinamentos sobre o mundo em que vivemos, pois é através dessa linguagem e simbologia que o resgate desse patrimônio poderá ser feito, já que muito da nossa cultura e do patrimônio imaterial estão caindo no esquecimento e, portanto há uma necessidade de trabalhar a memória individual e coletiva da comunidade escolar para que nossa identidade não seja esquecida (SÁ e EGAS, 2015, p.4).

As falas das autoras são compreensíveis quando se observa que para o exercício de cidadania é necessário à vivência de uma identidade cultural local, comunitária, conservada e transmitida no tempo. Isso vai acontecer de maneira natural quando é apresentada desde cedo para a criança toda a riqueza de sua cultura histórica, a qual foi vivenciada por seus ancestrais de maneira viva e com identidade.

A memória individual e comunitária principalmente aqui na Amazônia nasce em um ambiente da natureza. Todos os elementos envolvidos perfazem o ambiente natural, o que causa a identificação dos personagens com os ouvintes das lendas e mitos. Quando se trabalha a narrativa mítica na escola os alunos tendem a ganhar conhecimentos genuínos de sua própria história como nos aponta Freire (2011, p.23). “[...] conhecer a historicidade desse dizer, nos ajuda a compreender nossa própria identidade e nosso papel na teia social, pois sociedade e linguagem se constituem mutuamente”.

Para trabalhar com os mitos e lendas em sala de aula o foco precisa ser a priori os acontecimentos por trás dessas narrativas e sua representação para essas

sociedades. Seus significados, valor cultural, linguagem e em última instância os personagens que dele fazem parte, pois os alunos precisam compreender o significado e importância desse fenômeno para a cultura indígena e as releituras desses nas sociedades contemporâneas, pois “contar o mito é batalhar pela sobrevivência do próprio povo” (ALMEIDA e QUEIROZ, 2004, p.251).

Diante do exposto, naturalmente surge o questionamento: em qual nível de ensino é indicado a narração mítica na escola?

Para essa pergunta faz-se necessário um conhecimento de cada nível de ensino. Em primeiro lugar, cada nível de ensino tem suas particularidades, seus aspectos naturais e sua maturidade cognitiva.

Segundo os trabalhos já realizados por teóricos como Piaget, Vygotsky e Wallon, entre outros é na educação infantil que inicia a construção do caráter, a formação pessoal, a capacidade de enfrentamento das mais diversas situações, o respeito às diferenças, enfim a formação global da criança para que ela se prepare para ser um adulto consciente dos seus direitos e deveres.

Para Basso(2010), ao comentar a teoria de Piaget, destaca:

Na perspectiva construtivista de Piaget, o começo do conhecimento é a ação do sujeito sobre o objeto, ou seja, o conhecimento humano se constrói na interação homem-meio, sujeito-objeto. Conhecer consiste em operar sobre o real e transformá-lo a fim de compreendê-lo, é algo que se dá a partir da ação do sujeito sobre o objeto de conhecimento. As formas de conhecer são construídas nas trocas com os objetos, tendo uma melhor organização em momentos sucessivos de adaptação ao objeto (BASSO, 2010, p.2).

É nesse meio que a criança está inserida que acontece aquisição de conhecimento. No contexto escolar as crianças da educação infantil têm o melhor ambiente nessa relação de homem-meio, pois as práticas desenvolvidas sempre favorecem a interação entre todos.

Na abordagem de Basso (2010), para Vygotsky a criança nasce inserida num meio social, que é a família, e é nela que estabelece as primeiras relações com a linguagem na interação com os outros. O conhecimento tem gênese nas relações sociais, sendo produzido na intersubjetividade e marcado por condições culturais, sociais e históricas.

Considerando a abordagem realizada em seu trabalho por Galvão (2000), ao comentar sobre Wallon, é destacado que:

No primeiro ano de vida, a criança interage com o meio regida pela afetividade, isto é, o estágio impulsivo-emocional, definido pela simbiose

afetiva da criança em seu meio social.[...] Dos 3 aos 6 anos, no estágio **personalístico**, aparece a imitação inteligente, a qual constrói os significados diferenciados que a criança dá para a própria ação. (O grifo é nosso) (GALVÃO, 2000, p. 56)

É por isso que a narração mítica pode ser utilizada na educação infantil como introdução para uma determinada atividade de ensino-aprendizagem, conectar a criança ao meio cultural a fim de conhecê-lo melhor possibilita o conhecimento histórico, ensinamentos de diversas etnias e costumes.

2.5.1 A identidade da oralidade das lendas e mitos

Nas lendas e mitos, o contador de histórias é aquele que tem experiências de vida, capaz de ver nas histórias uma lição de sabedoria, essa sabedoria não pode ser descartada. Com o advento da modernidade, tinha-se a ideia de que a pessoa do narrador iria desaparecer. No entanto, aqui na Amazônia, onde ainda existem localidades que têm esses valores, desse contar histórias a pessoa do contador é concreta. Isso não significa que na Amazônia não haja elementos da modernidade, há a energia elétrica, o whatsapp, computadores etc.

Nas ilhas, há localidades que têm energia elétrica e que utilizam essas tecnologias, por outro lado, existem certas comunidades que ainda necessitam desse contato tecnológico. Devido a não terem acesso à tecnologia, os ribeirinhos se comunicam através da coletividade da narrativa oral.

Em comparação com a modernidade que traz a todo o momento inúmeras informações atualizadas da realidade, qual seria a identidade presente na oralidade das lendas e mitos que não se encontra na modernidade?

Segundo Benjamin (1995, p. 203), “a narrativa oral é diferenciada da narrativa da informação. A modernidade valoriza a informação, aquela notícia da modernidade, atualizada, e que só vale no momento em que ela acontece”. Na narrativa oral não há um determinado tempo, é algo que as pessoas gostam, é um ponto de referência no discurso para estabelecer conexão com o diálogo da narrativa prendendo o ouvinte nas “teias” da mesma, atravessando o tempo. São histórias narradas e deixadas como herança de uma identidade cultural.

Para Loureiro (1995), a narrativa das lendas e mitos é uma forma artesanal de comunicação. Ela não está interessada em transmitir o puro em si da coisa narrada

como uma informação ou relatório. Ela mergulha a coisa na vida do narrador para em seguida retirá-la dele.

É uma forma própria de narrar, que não considera muito intermediadores para ser ouvida. Segundo Benjamin (1985):

Ela é, por isso, diferente do romance. Este, posto em um livro, é uma narrativa industrial. Alguém escreve, alguém revisa, outro faz a capa, outro faz o prefácio, outro leva para a gráfica, outro cola, outro vende e outros leem. Então entre o surgimento da história e a sua recepção há várias pessoas, mas ninguém se conhece. Na narrativa oral não é assim (BENJAMIN,1985, p. 205).

Os narradores gostam de começar suas histórias como uma descrição das circunstâncias em que foram informados dos fatos que vão contar a seguir, a menos que prefiram atribuir essa história a uma experiência autobiográfica. São histórias que o povo conta, portanto, sua identidade, histórica e cultural.

A reminiscência é a memória fundamental na narrativa oral, ela contextualiza no sentido mais amplo a época de forma épica. Ela dá sentido para a forma, assim pode-se dizer que:

O narrador figura entre os mestres e os sábios. Ele sabe dar conselhos: não para alguns casos, como o sábio. Pois pode recorrer ao acervo de toda uma vida (uma vida que não inclui apenas a própria experiência, mas em grande parte a experiência alheia. O narrador assimila à sua substância mais íntima aquilo que sabe por ouvir dizer). Seu dom é poder contar sua vida; sua dignidade é contá-la inteira. O narrador é o homem que poderia deixar a luz tênue de sua narração consumir completamente a mecha de sua vida. (...) O narrador é a figura na qual o justo se encontra consigo mesmo. (BENJAMIN,1985, p.221).

O narrador é o mestre e sábio, seus ensinamentos e sabedoria são adquiridos pela experiência de vida e por isso consegue “tocar”, inferir nas vidas de outras pessoas de maneira construtiva.

Para Benjamin (1985, p.198.) “O grande narrador tem suas raízes no povo, principalmente nas suas camadas artesanais; é um homem que valoriza a sua identidade cultural e tem um imenso conhecimento de vida. O narrador, como já foi sugerido, é uma figura entre os mestres e os sábios”.

É imprescindível comentar que a identidade da oralidade das narrativas parte do povo. Não é possível configurar oralidade sem essa presença cultural e conhecimento de vida partilhada.

Com essa preocupação, nossa pesquisa configura-se como uma tentativa de fornecer subsídios teóricos sobre o chamado gênero narrativo, necessários para se

encontrar soluções didáticas para seu ensino. Portanto, o centro do problema abordado ao longo desse trabalho é o levantamento de algumas características dos mitos da Amazônia, dada a possibilidade de se trabalhar no ensino, tanto com a questão do gênero em si, quanto com o tema da diversidade cultural.

Consideramos que, a partir dos textos narrativos torna-se possível na escola as discussões sobre as questões relativas ao enraizamento\desenraizamento do ser humano. Essa afirmação pode ser reforçada se retornarmos Morin (2000:61) para quem “[a] educação deveria mostrar e ilustrar o destino multifacetado do humano: o destino da espécie humana, o destino individual, o destino social, o destino histórico, todos entrelaçados e inseparáveis. Assim, uma das vocações essenciais da educação do futuro será o exame e o estudo da complexidade humana. Conduzirá à tomada de conhecimento, por conseguinte, de consciência, dá condições comum a todos os humanos e dá muito rica e necessária diversidade dos indivíduos, dos povos, das culturas, sobre nosso enraizamento como cidadãos da terra.”

2.5.2 Construindo o material didático a partir da realidade do aluno

Para o desenvolvimento da aplicação de intervenção, foi usado como base teórica os autores Antunes (2003) e Leffa (2008). A primeira autora destaca a necessidade de repensar a proposta de ensinar língua portuguesa e o segundo enfatiza a relevância de se criar materiais didáticos para atuação profissional em sala de aula, a partir da realidade do aluno.

Por isso optou-se pela utilização das lendas e mitos amazônicos, que no contexto cultural dos alunos são bastante comuns e ricos em significados.

A abordagem desenvolvida neste trabalho considera a concepção de linguagem Interacionista, levando o professor de língua portuguesa a refletir acerca de sua ação, seu pensar e repensar o objeto de ensino, ou seja, o texto, uma vez que ele não ensina a lógica da retenção, mas proporcionar ao aluno um material que esteja de acordo com seu nível de aprendizagem.

Sabe-se que são muitos os desafios enfrentados em sala de aula, no exercício da docência e para que se tenha uma educação de qualidade, fazem-se necessários aprofundamentos teóricos traduzidos em práticas no cenário de sala de aula.

Após as ponderações apresentadas aqui, apresentaremos, no próximo capítulo, questões relacionadas à proposta de intervenção, elaborada a partir do conto “Acauã”, de Inglês de Sousa.

3. A PROPOSTA DO PLANO DE DOCÊNCIA A PARTIR DO CONTO “ACAUÃ”

3.1 CARACTERIZAÇÃO DA ESCOLA ONDE OCORREU A INTERVENÇÃO

O plano de docência, foi realizado na escola particular de ensino fundamental, médio e cursinho pré-vestibular “Vestibulando”, localizada na Avenida D. Pedro I Nº 1285, bairro de São Lourenço, cidade Abaetetuba, tendo como mantenedor os próprios sócios da escola.

A referida escola atende 500 alunos, com faixa etária entre 10 a 30 anos tendo seus professores graduados com especialização, mestrado e doutorado.

A escola possui em sua dependência 9 salas de aula, um auditório onde funciona o cursinho, uma biblioteca e uma sala de informática, as quais todas são climatizadas, a mesma é adaptada para receber alunos com deficiências e neste ano atende alunos com baixa visão, auditiva e deficiente intelectual.

Além desses atendimentos a escola apresenta o projeto (LEARTE), o qual é oferecido no contra turno do 7º ano ao ensino Médio, funciona como reforço, dependendo da necessidade de cada educando o qual envolve todas as disciplinas. Também é trabalhado o projeto FEICART (feira de ciências e artes festival cultural), pois tem a filosofia de educar para a cidadania a partir do pressuposto da inclusão participativa e reflexiva. Esses projetos têm o objetivo de que o aluno alcance o desenvolvimento de suas habilidades e competências de forma integral, baseando-se em princípios éticos de valores afetivos, cristãos e sociais nas diferentes relações do espaço escolar.

A escola trabalha de maneira que envolve a comunidade em suas atividades desenvolvidas, os funcionários trabalham de acordo com a filosofia da escola, promovendo eventos os quais aproximam a família da escola com a preocupação de formar cidadãos capazes de promover a cidadania.

3.2 O CONTO EM SALA DE AULA: PERSPECTIVAS

Com a escolha do gênero, busca-se levar, os educandos à reflexão da cultura vivenciada por eles, proporcionando a junção das criatividade, promovendo a interpretação, a compreensão da análise do texto. Partindo desta perspectiva, o ensino torna-se representativo, deixando de lado as atividades repetitivas de escritas

e cópias do quadro sem informação alguma, só como passa tempo. Esta prática de preparar o material didático de acordo com a realidade do aluno produz uma relação de segurança tornando a leitura, a oralidade, a gramática e a escrita prazerosa. Nesse sentido, é possível ensinar com eficiência apropriando-se dos gêneros do nosso cotidiano como uma forma de respeito a nossa cultura.

Segundo Leffa (2008), o professor deve produzir o seu material para o desenvolvimento da aula que será aplicado. Esse material deve ser produzido de acordo da realidade do aluno, levando em consideração os tópicos linguísticos, enfatizando os quatro momentos: análise, desenvolvimento, implementação e avaliação.

Em relação à análise, antes de produzir o material para o ensino de línguas, o professor precisa fazer um levantamento do nível que o aluno se encontra e do que ele precisa aprender, apontando sempre para os anseios e as expectativas do aluno considerando um modelo de aprendizagem prazerosa.

O material a ser produzido deve oferecer ao aluno a ajuda que ele precisa no grau exato de seu entendimento e de suas necessidades, preenchendo possíveis lacunas.

Na etapa do desenvolvimento, o professor irá definir seus objetivos a partir de um diagnóstico cuidadosamente elaborado, apresentando uma metodologia que proporcione o interesse por parte do aluno. Pode se dizer que o professor precisa estar atento na hora de elaborar as atividades, direcionando rumo ao processo de uma avaliação processual.

Neste sentido, o plano de docência elaborado propõe viabilizar o ensino de língua portuguesa, oportunizando-os aos alunos uma melhor compreensão, contextualizando com a realidade. A leitura deve ser compreendida como uma construção do indivíduo em busca de uma compreensão do mundo que o cerca, sendo que a leitura é revestida do conhecimento das experiências, dúvidas, incertezas e etc., e faz germinar ideias, ensina silenciosamente a escrever, estimula a imaginação e madurece a sensibilidade.

3.3 A EXPERIÊNCIA DO CONTO “ACAUÃ” VIVENCIADO EM SALA DE AULA

Antes de abordarmos a proposta de trabalho com o conto em questão, acreditamos ser pertinente apresentar, brevemente, o autor da obra selecionada, o que será feito na próxima seção.

3.3.1 Inglês de Sousa¹

Herculano Marcos Inglês de Sousa nasceu na cidade de Óbidos em 28 de dezembro de 1853, no Pará. Nasceu em uma família bastante influente e tradicional da região.

Inglês de Sousa inicia seus estudos ainda no Pará, mas em 1864 vai para o Maranhão completá-los no colégio Sotero dos Reis. Em 1867 se muda para o Rio de Janeiro para fazer o ensino secundário no Colégio Perseverança. Em 1870, Inglês se muda novamente, mas desta vez para Recife, onde se matricula em uma faculdade de Direito. Pouco depois, faz sua última visita aos pais, na Amazônia. Em 1875, quando estava no quarto ano de faculdade, Inglês escreve seu primeiro conto “O Cacaulista” que seria publicado somente em Santos, lugar que Inglês havia escolhido para terminar a faculdade.

Inglês de Sousa funda jornais e revistas, torna-se secretário da Relação de São Paulo, elabora o projeto de criação da Escola Normal e é eleito, em 1881, presidente (atualmente chamado de governador) de Sergipe e, posteriormente, do Espírito Santo, em 1882. Em 1902, participa da fundação da Academia Brasileira de Letras e no mesmo ano torna-se diretor da faculdade em que lecionava.

3.3.2 Relato da Atividade Realizada

Iniciamos nossas atividades pedagógicas, no dia sete de Maio do ano de dois mil e dezoito (07-05-2018), no 7º ano, turma A e B, no turno da manhã, a qual foi dirigida por mim, com a ajuda do professor da turma, na escola acima citada.

Iniciei o primeiro bloco fazendo a apresentação do tema, através de uma roda de conversa, em seguida assistimos a reportagem sobre os contos amazônicos, mostrando os elementos que o constituem, apresentando características como o

¹ Essa abordagem sobre a vida de Inglês de Sousa foi extraído de Couto (2014).

fantástico, o sobrenatural e o ambiente ribeirinho da Amazônia. Após a reportagem, realizamos um debate de acordo com o questionário proposto.

No segundo momento, fizemos questionamentos sobre o gênero conto, e destacamos que os mesmos fazem parte da tradição de um povo. Tudo foi pensado e desenvolvido na busca de incentivar a oralidade, a interpretação e análise do gênero textual e o intuito de aguçar no aluno o interesse por uma leitura crítica que associa a realidade com o contexto social.

Durante o desenvolvimento desta aula, os alunos participaram ativamente com perguntas, sugestões e produção textual. Este conteúdo foi muito bem aceito pelos alunos, os quais interagiram com garra e determinação, deixando a aula bem interessante.

No início do terceiro bloco, os alunos realizaram a leitura das partes que mais lhe chamaram a atenção. Em seguida, realizamos a oralidades, relacionando o explícito com o implícito; no segundo momento os alunos resolveram as atividades envolvendo os verbos nos tempos; imperativo e infinitivo. Por fim, a realização da produção textual, de poemas que apresentam unidades fonológicas (rimas).

Através dessas atividades desenvolvidas em sala de aula, foi percebido que os alunos apresentam um ótimo desempenho cognitivo e facilidade de dialogar com o conto, por fazer parte da cultura amazônica. Alguns alunos não se davam conta de tal importância, outros questionaram que não sabiam que podia, de um mesmo conteúdo trabalhar vários elementos da língua.

3.4 RESULTADO FINAL DAS DISCUSSÕES DO PLANO DE DOCÊNCIA

Após a conclusão da sequência didática, percebeu-se que o resultado dos trabalhos apresentados foi satisfatório, foi possível observar a participação dos alunos durante todo processo, apesar de alguns apresentarem dificuldades na hora da produção textual, mas com ajuda eles conseguiram superar.

Por meio das metodologias utilizadas percebeu-se também que os alunos ficaram interessados em conhecer mais a fundo os contos amazônicos e sua relação com a realidade. Nesse sentido LEFFA (2008) afirma que a análise deve estar ligada ao conhecimento prévio do aluno levando em consideração a sua cultura, e somente após conhecer a realidade do mesmo é possível fazer a elaboração dos planos.

Diante dessa perspectiva, planejar de acordo com a realidade do alunos significa proporcionar uma interação no processo ensino-aprendizagem.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O desenvolvimento deste trabalho permitiu verificar que é imprescindível a presença da leitura na vida dos alunos. Ao fazer utilização da leitura os alunos podem realizar outras formas de abordagens sobre a realidade em que estão inseridos e assim reconstruir sua história no mundo. Foi observado que a leitura, quando se tratando de prática, está também vinculada à realidade escolar por isso as escolas devem utilizar estratégias e meios mais eficientes para que o gosto pela leitura comesse na escola, mas que ultrapasse seus muros.

A pesquisa bibliográfica adotada neste trabalho contribuiu para o entendimento em relação à leitura, suas especificidades e as dificuldades apresentadas em sala de aula. Ao desenvolver a prática por meio do conto “Acauã” deve-se sempre considerar a realidade dos alunos, esse contexto não pode ser ignorado, é nele que serão edificadas as práticas de leitura.

O estágio supervisionado na escola particular Sistema de ensino Vestibulando foi o momento que vivenciei a relação das teorias desenvolvidas durante o curso de licenciatura em Letras língua Portuguesa PARFOR-UFPA relacionadas com a prática do cotidiano escolar respeitando as práticas pedagógicas.

Durante o desenvolvimento das aulas, percebi que a oralidade é trabalhada com frequência em que os alunos tem o seus momentos de discussão do tema apresentado, e essas discussões facilitam o desempenho da aprendizagem tornando-os críticos capazes de associar o texto com o contexto.

A leitura das atividades, facilitou a criatividade da escrita, e da gramática sendo que a escrita é um processo ativo do leitor que não se trata simplesmente de extrair informação da escrita decodificando-a letra por letra, palavra por palavra, trata-se de uma atividade que implica, necessariamente, compreensão e no período das aulas foi possível observar esse desempenho.

Durante o processo das aulas, apliquei a gramática como uma forma de estabelecer padrões da escrita e da fala, extrapolando a visão reducionista que faz da língua um amontoado de regras prescritas pelos estudiosos do sistema linguístico, sendo capaz não apenas de prescrever o idioma, mas também de descreve-lo.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALMEIDA, Maria Inês de; QUEIROZ, Sônia. **Na captura da voz: As edições da narrativa oral no Brasil.** Belo Horizonte: A Autêntica; FALE/UFMG, 2004.
- ANTUNES, Irandé. **Aula de português: encontro e interação.** São Paulo: Parábola Editorial, 2003.
- BASSO, Cintia. **Algumas reflexões sobre o ensino mediado por computadores.**
- BENJAMIN, Walter. Prefácio. Jeanne Marie Gagnebin. **Walter Benjamin ou a história aberta: ensaios sobre literatura e história da cultura.** (Obras escolhidas v.1). Trad. Sérgio Paulo Rouanet, 1. ed., Brasiliense, 1985.
- CANDIDO, Antonio. **A literatura e a formação do homem.** In: Ciência e cultura. São Paulo. USP, 1972.
- CANDIDO, Antonio. **O direito à literatura.** In: CÂNDIDO, A. Vários escritos. São Paulo: Duas Cidades, 1988.
- CARNEIRO JUNIOR, Renato Augusto. CARNEIRO, Cíntia Maria Sant'Ana Braga. CARVALHO, José Luiz de. BRAGA, Juliana Calopreso. **Lendas e Contos Populares do Paraná.** Curitiba, Secretaria de Estado da Cultura, 2005.
- CASCUDO. Câmara. **Dicionário do folclore brasileiro.** Rio de Janeiro: Editora Publicação S/A. CEJUP, 1995.
- COUTO, Jéssica Teixeira do. XIV Congresso Internacional de Humanidades Dimensão temporal e espacial da linguagem e da cultura nos contextos latino-americanos. **Inglês de Sousa na obra Contos Amazônicos: O homem na luta com o mundo selvagem.** UFPA, 2014.
- COLOMER, T. **Andar entre livros: a leitura literária na escola.** Trad. de Laura Sandroni, São Paulo: Editora Global, 2007.
- ELIADE, Mircea. **O sagrado e o profano.** São Paulo, Martins Fontes, 1992.
- FEREIRA, Nair Gurgel do Amaral; TEZZARI, Neusa dos Santos. **Leitura e linguagem: discurso e letramento.** Porto Velho: EDUFRO, 1999.
- FREIRE, P. A Educação na Cidade. São Paulo: Cortez, 1994.
- FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler: em três artigos que se completam.** 49ª ed. São Paulo: Cortez, 1981.
- GALVÃO, Izabel. **Henri Wallon: Uma concepção dialética do desenvolvimento infantil.** 13ª edição. Petrópolis: Vozes, 2004.

GERALDI, J. W. **Linguagem e ensino**: exercícios de militância e divulgação. Campinas: Mercado de Letras, 1996.

HOLANDA, Aurélio Buarque. **Novo dicionário da língua portuguesa**. 2.ed. Rio de Janeiro, RJ: Nova Fronteira, 1986.

KLEIMAN, A. **Leitura**: ensino e pesquisa. 3. ed. Campinas, SP: Pontes Editora, 2008.

LEFFA, Vilson José. **Como produzir materiais para o ensino de línguas**; LEFFA, Vilson José (Orgs); Produção de materiais de ensino; Pelotas; Educar; 15 - 41; 2008.

LINHARES, Allan de Andrade. Dissertação de Mestrado: **Concepções e práticas de leitura na EJA**: uma experiência com professores de 4º ciclo. Universidade federal do Piauí. Departamento de Letras, 2012. Disponível em: www.seduc.pi.gov.br/.../233992309.alan-revisao_final_-_dissertacao-final_pdf.pdf. Acesso em: 21 de mar. 2019.

LOUREIRO, João de Jesus Paes. **Cultura Amazônica**: uma poética do imaginário. Belém: Cejup, 1995.

MORAIS, José. **A arte de ler**. UESP, São Paulo, 1996.

ORLANDI, E. **Interpretação**. Ed. Vozes. Petrópolis, 1996.

PIERRE, JEAN. **Histórias das lendas**. Edição eletrônica: Ed Ridendo Castigat Mores (www.jahr.org).

SÁ, Gladys Oliveira de. EGAS, Márcia Guedes. Artigo científico: **Mitos e lendas indígenas e educação: a valorização do patrimônio imaterial amazônico nas escolas públicas do município de Manaus**. Disponível em: http://educere.bruc.com.br/arquivo/pdf2015/21847_9369.pdf. Acesso em: 28 de fev. 2019.

SOLÉ, Isabel. **Estratégias de leitura**. Porto Alegre: Artmed. 1998.

TODOROV, Tzvetan. **Introdução à literatura fantástica**. São Paulo: Perspectiva. 1979.